Graciela Chamorro, 2015, *História Kaiowá: das origens aos desafios contemporâneos*. São Bernardo do Campo, Nhanduti Editora, 314 p.

Resenhado por Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Gabriela Linhares e Andérbio Márcio Silva Martins[1]

Essa é uma obra de suma importância para o conhecimento do povo Ka'aygwá ou Kaiowá. Escrito em uma perspectiva histórica e antropológica, situa no tempo e no espaço os Kaiowá contemporâneos e seus ascendentes, distinguindo-os de outros povos falantes de línguas Guaraní com os quais foram confundidos ao longo do contato com os não índios. Munida de fontes documentais de diferentes épocas e de estudos de historiadores, antropólogos, missionários e sertanistas, Graciela Chamorro constrói uma história do povo Kaiowá, focalizando suas origens, sua cultura material, sua religião, sua língua, sua organização social e econômica, assim como seu contato com outros povos indígenas e a sua luta constante pela sua sobrevivência física, psicológica e cultural.

Partindo do etnônimo *Ka'ágygua*, Chamorro busca nas referências mais antigas identificar os ancestrais dos Kaiowá atuais, reunindo referências que ajudam a distingui-los dos demais povos, falantes ou não de línguas Guaraní, que como eles foram referidos como 'procedentes da mata'. É do século XIX em diante que Chamorro reúne informações sobre a localização geográfica e o modo de vida destes indígenas, então já autodenominados Kaiowá, bem como sobre o processo de tomada de suas terras pelos não índios, informando também sobre a arquitetura de suas casas, da conexão que estabeleciam por meio de caminhos, e o desaparecimento de grupos familiares Kaiowá, como aqueles que cruzaram o rio Paraná.

A autora lança mão de fontes documentais e da memória indígena para a construção de um relato histórico sobre a mobilidade dos Kaiowá, em decorrência da "Guerra do Paraguai" e das ações da Companhia Mate Laranjeira sobre as populações nativas da região.

Apresenta preciosas informações etnográficas sobre práticas culturais Kaiowá e Guaraní do século XIX ao século XX, como seus adornos corporais,

[1] Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI), Instituto de Letras (IL), Universidade de Brasília (UnB).

o formato externo de suas casas e o seu interior, no qual destaca a presença do fogo. Trata da mobília, dos utensílios e as armas, da subsistência, do *kagwĩ,* da caça, das festas, de rituais de passagem, como a perfuração labial, a festa de nominação e confirmação do nome *mitã mbo'éry*, do casamento, do parto. Trata ainda da educação dada às crianças, da cura, do enterro e da música, de suas práticas religiosas, das suas noções de tempo e contagem, de seus deslocamentos e meios de transporte e de sua relação com outros povos indígenas. Atualiza várias dessas informações ao tratar dos Kaiowá dos séculos XX e XXI, sob a tutela do SPI e da Funai, bem como sob o jugo de missionários. A autora mostra as grandes mudanças ocorridas na vida dos Kaiowá, com base principalmente nos estudos etnográficos de autoria de Egon Schaden, Eduardo Galvão, James e Virgínia Watson e Levi Marques Pereira.

Chamorro contribui com suas notas etnográficas para atualizar os nomes e status no sistema de parentesco Kaiowá, apresentando tanto nomes referenciais quanto vocativos, seguidos de notas explicativas sobre os usos de um e de outro. Discorre sobre líderes religiosos e políticos na atualidade e sobre práticas rituais contemporâneos. O livro culmina com a chegada dos colonos na região e as pressões e agressões sofridas pelos Kaiowá para deixarem suas terras e ingressarem nas reservas demarcadas. Além disso, apresenta um quadro com informações sobre a situação fundiária das terras indígenas Guaraní e Kaiowá em Mato Grosso do Sul.

A obra se encerra situando os Kaiowá na atualidade, mostrando que sua identidade está em constante processo de construção. Chamorro enfatiza que, contrariamente ao pensamento de estudiosos como Schaden (1974, 1975), se as previsões catastróficas e pessimistas sobre esse povo e sobre os diversos grupos Guaraní não se cumpriram, foi porque a resistência dos indígenas não decorre do fato de eles absorverem ou não elementos da cultura dominante, mas na forma como eles rearticulam esses elementos. Deixa claro, porém, que o grande sonho dos Kaiowá é o de recuperar seu *tekoha*, 'lugar de viver', em que mito e história recente se entrelaçam, projetando sobre esse lugar a imagem de um meio ambiente preservado, guardado para que este seja sempre fonte de vida.

Essa obra oportuna e necessária é ilustrada com mapas sobre a distribuição geográfica e a trajetória do povo Kaiowá. Estes, junto com as ilustrações arqueológicas sobre a cultura material das gerações passadas, as imagens de pessoas fazendo uso de artefatos no cotidiano ou em rituais tradicionais, os textos míticos em língua nativa ou afim com tradução adequada para o Português e o glossário dos termos em língua Kaiowá mais recorrentes enriquecem as páginas desse livro.

Digno de nota são as referências aos interlocutores e às interlocutoras indígenas que contribuíram com seu saber para que vários aspectos da história e do modo de vida desse povo fossem tratados de certa forma na perspectiva indígena. De interesse para a História e para outras áreas do conhecimento, a obra vem em boa hora, principalmente para o povo Kaiowá.